

A FOTOGRAFIA E OS SENTIDOS: A OBRA DE EVGEN BAVCAR E PRÁTICAS ARTÍSTICAS NA REALIDADE ESCOLAR

RENATA SOUTO BORGES¹; GUILHERME SUSIN SIRTOLI²,
ARIADNE SILVEIRA TERRA³; CLÁUDIA MARIZA MATTOS BRANDÃO

¹*Universidade Federal de Pelotas – renatasoutoborges @outlook.com.br*

²*Universidade Federal de Pelotas – guisusinsirtoli@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – ariadnesterra@gmail.com*

Universidade Federal de Pelotas – attos@vetorial.net

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo discutir sobre as relações entre imagem, fotografia e sentidos na obra do fotógrafo cego Evgen Bavcar, relacionando com práticas artísticas desenvolvidas com um grupo de alunos do ensino fundamental. Por não possuir a função da visão, Evgen acabou subvertendo outros sentidos e os utilizando a favor da produção de imagens visuais. Com a referência do artista, foi elaborada uma atividade prática com a temática ‘fotografia de olhos vendados’. A atividade foi desenvolvida no projeto de extensão Arteiros do Cotidiano, relacionado à disciplina Artes Visuais na Educação III, do curso de Artes Visuais – Licenciatura (CEART, UFPel), com uma turma de 5º ano da EMEF Felix da Cunha, situada em Pelotas (RS) e tinha como objetivo refletir sobre a produção de imagens e a percepção dos sentidos sobre elas.

Em meados do século XIX, quando diversas descobertas possibilitaram a fixação da imagem fotográfica, que já vinha sendo estudada por milênios, uma nova forma de atividade autônoma foi criada (SONTAG, 2015). A necessidade de registrar o mundo ‘tal como se é’ foi se aprimorando até chegar aos registros do mundo contemporâneo. Para o senso comum, a fotografia acaba sendo uma forma de apenas ‘reproduzir’ de forma mimética o que existe na realidade. A fotografia, na verdade, é uma forma de mostrar a relação do ‘eu-mundo’, tanto explicitando as relações que o fotógrafo possui para com o que está sendo retratado, mas também para com o espectador. Segundo Susan Sontag (2014, p. 105):

O fotógrafo era visto como um observador agudo e isento - um escrivão, não um poeta. Mas, como as pessoas logo descobriram que ninguém tira a mesma foto da mesma coisa, a suposição de que as câmeras propiciam uma imagem impessoal objetiva, rendeu-se ao fato de que as fotos são indícios não só do que existe, mas daquilo que um indivíduo vê; não apenas um registro mas uma avaliação do mundo.

Logo, percebemos que a fotografia não é apenas uma mera reprodução da realidade, mas sim uma maneira subjetiva de explicitar a relação que cada fotógrafo tem com o mundo. Mas, e quando o fotógrafo não consegue ‘ver’ o que está sendo fotografado? Qual a relação que o mesmo possui com a sua obra? Evgen Bavcar, um ‘fotógrafo cego’, afirma que “a fotografia é a sua maneira de “perverter” o método de percepção estabelecido entre as pessoas que enxergam e as pessoas cegas” (REVISTA BENJAMIN CONSTANT, 2001, p. 25). Evgen não

nasceu cego, mas tornou-se pouco a pouco, começando ainda na infância, devido à uma série de acidentes e acontecimentos em sua vida. E assim o artista começou a descobrir outra relação com as imagens e a fotografia.

Evgen não utiliza apenas os outros sentidos como uma função prática, mas sim como uma forma concomitante aquela que lhe falta. A percepção criada pela visão, que o artista não possui, acaba criando uma nova percepção com o tato, por exemplo. Ele utiliza os outros sentidos da ‘caixa de ferramentas’, segundo Rubem Alves, para acessar as coisas que permeiam sua ‘caixa de brinquedos’. A caixa de ferramentas é permeada pelos sentidos práticos e que possuem utilidade, já a de brinquedos, pelas coisas poéticas que quando educados, aprendemos a usufruir.

Os genitais na sua condição animal são ferramentas a serviço da reprodução. Mas na função humana amorosa transformam-se em instrumentos de gozo e alegria totalmente inúteis. Educados, os sentidos passam a ser habitantes da “caixa de brinquedos”. Pelos sentidos educados deixamos de “usar” o mundo e passamos a “fazer amor” com o mundo (ALVES, 2005, p.45).

Tal pensamento nos mostra a necessidade de (re)descobrirmos o mundo pelo viés da sensibilidade, pois somente através razão é mais difícil perceber os meandros e implicações da complexa vida em sociedade.

2. METODOLOGIA

Com base nas vivências, experiências e obras do fotógrafo cego Evgen Bavcar, foi desenvolvida uma atividade com o propósito era o de refletir sobre a visualidade e a produção de imagens. Vivemos em uma contemporaneidade imagética, na qual somos acometidos diariamente por uma enxurrada de imagens, uma ‘imagerie’ (DURAND, 2001). E muitas dessas imagens acabam se tornando efêmeras, cuja rapidez do acesso não produz nenhum tipo de reflexão crítica nos indivíduos. A influência da comunicação de massa atua sobre o escolar muito antes dele frequentar a escola, a leitura primeira de imagens acontece desde a mais tenra idade. Isso se soma ao fato de que os estímulos visuais estimulam uma leitura “mecânica” do que a imagem mostra. Sendo assim, destacamos que “A ideia não é desestimular a criança, já estimulada pela mídia, mas fazê-la refletir sobre a imagem” (BARBOSA, 1975, p. 92).



Figura 1. Dhara Fernanda Nunes Carrara. Sem título. Fotografia. 2018

Partindo destes conceitos, nos quais Ana Mae Barbosa aborda sobre as questões relativas à reflexão sobre as imagens e suas mensagens, desenvolvemos uma atividade na qual a temática era ‘fotografia de olhos vendados’. Para a parte inicial da atividade, foi elaborada uma abordagem teórica sobre a fotografia, a visualidade e a tecnologia, abordando o fotógrafo cego Evgen Bavcar e sua participação no documentário “Janela da Alma” (2002). Durante a aula expositiva (Figura 1), foi encaminhada uma discussão sobre fotografia analógica e as diferenças para com a ‘selfie’ contemporânea, proposta pelos próprios estudantes.

Chegamos à conclusão no grande grupo de que é necessário parar para analisar com maior atenção a nossa própria produção de imagens, e com essa ideia em mente nos encaminhamos para a parte prática da atividade.

Deslocamo-nos para o pátio e os estudantes foram divididos em duplas, e um dos integrantes da dupla tinha os olhos vendados e o outro percorria o espaço. O integrante da dupla que estava vendado tentava encontrar o outro no espaço, por meio do som e da percepção corporal, posicionando o colega registrava a sua fotografia. Desse modo, buscamos reproduzir a atitude de Bavcar quando elabora suas imagens.

Após todos os alunos terem a oportunidade de fotografar, nos deslocamos para analisar os resultados das imagens.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A percepção dos alunos, tanto no espaço quanto do próprio corpo saiu totalmente dos parâmetros esperados. Os escolares que participaram da atividade ficaram impressionados com os resultados das imagens produzidas (Figura 2) e também da possibilidade de fotografar sem o uso da visão.

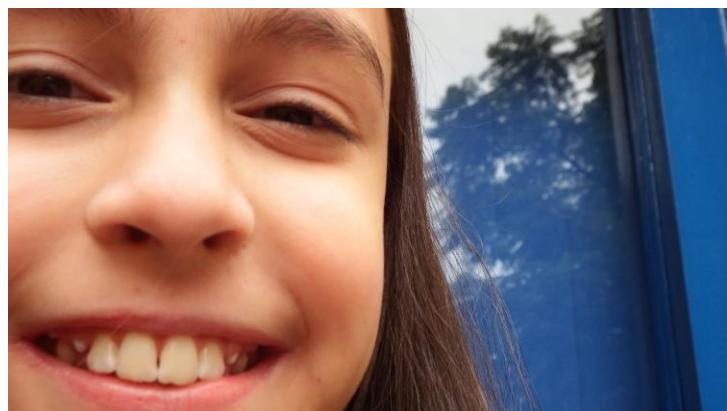


Figura 2. Aluna do EMEF Felix da Cunha. Sem título. Fotografia. 2018

A atividade se desenrolou propiciando uma aprendizagem significativa para todos:

A aprendizagem significativa tão discutida nos círculos pedagógicos tem uma forte relação com a Arte, visto que, os PCN apresentam a Arte como propiciadora do desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de dar sentido à experiência humana, levando o aluno a ampliar sua sensibilidade, percepção e imaginação, bem

como favorece o relacionar-se criadoramente com as outras áreas do conhecimento (NASCIMENTO, 2012, p. 11).

Os resultados nos revelam que os escolares demonstraram muito interesse e senso crítico com relação à proposta desenvolvida e a pessoas com problemas na visão. E isso se revelou pertinente e importante, pois no grupo existe uma estudante com um grau avançado de deficiência visual. Os demais conseguiram integrá-la à atividade, o que propiciou uma aprendizagem significativa para todos. A reflexão crítica sobre as imagens, proposta por Ana Mae Barbosa, foi efetiva durante a atividade. Tal reflexão se iniciou ainda na parte expositiva sobre a obra do fotógrafo Evgen Bavcar e a relação com a enxurrada de imagens produzidas na contemporaneidade.

4. CONCLUSÕES

É de suma importância uma pausa para refletir sobre as imagens que consumimos e que produzimos diariamente. Para os escolares, o modo de analisar e consumir as imagens se tornou mais crítico e abrangente, bem como a relação do seu próprio corpo com os sentidos. Com a prática, tivemos a oportunidade de diferenciar o ver do olhar. Os olhos são os órgãos que dotam os seres de visão, uma função fisiológica. Entretanto, quando olhamos, muitas vezes não precisamos da função prática da visão, outros sentidos também nos possibilitam olhar. O olhar está relacionado à atenção, ao profundo, ao empático e dessa forma nos tornamos mais atentos e conectados às relações e ao mundo que nos rodeia.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Rubem. **A Educação dos Sentidos e mais**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil. 2018
- BARBOSA, Ana Mae Bastos. **Teoria e Prática da Educação Artística**. São Paulo: Editora Cultrix. 1975.
- DURAND, Gilbert. **O imaginário**: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Rio de Janeiro, DIFEL, 2001.
- JANELA DA ALMA. Direção de João Jardim e Walter Carvalho. Produção de Flávio R. Tambellini. Rio de Janeiro: Copacabana Filmes, 2002. 1 DVD (73min), son., color.
- NASCIMENTO, Vanderléia Santos de Jesus. **Ensino de artes: Contribuições para uma aprendizagem significativa**. Funarte. 2012. Disponível em: <funarte.gov.br/encontro/wp-content/uploads/2013/04/artigo-para-submiss%C3%A3opela-funarte_Vanderl%C3%ADa-Santos.pdf>. Acesso em: 15/07/2018.
- REVISTA BENJAMIN CONSTANT. **Evgen Bavcar: Um olhar além do visível**. n.19. Ano 7, agosto de 2001, Rio de Janeiro. Site Online. Disponível em: <http://www.ibc.gov.br/images/conteudo/revistas/benjamin_constant/2001/edicao-19-agosto/Nossos_Meios_RBC_RevAgo2001_Perfil.pdf>. Acesso em: 15/07/2018
- SONTAG, Susan. **Sobre Fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.